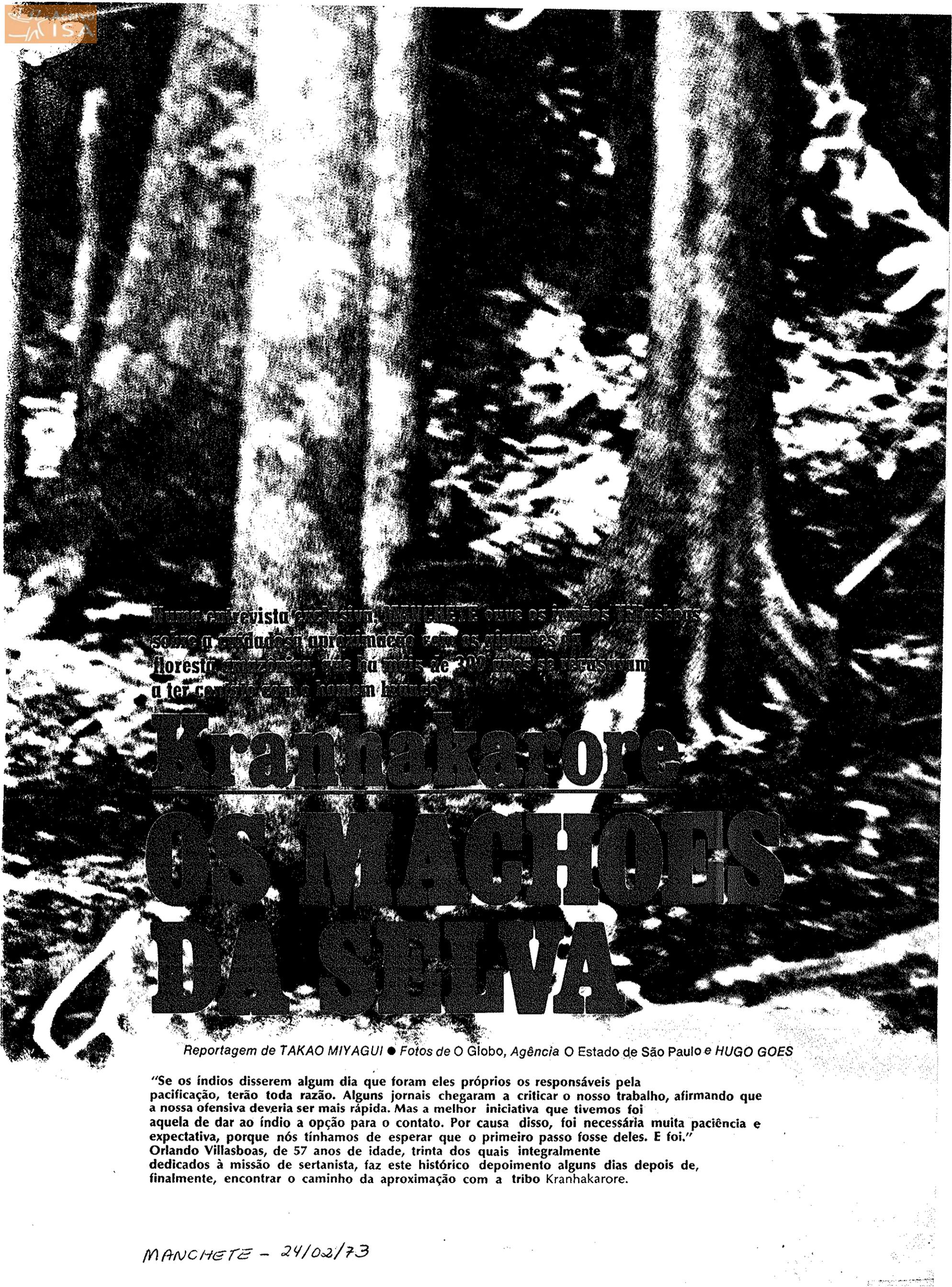




Usando de astúcia, os xanhakarôre mandaram dois índios para testar as boas intenções dos brancos. Escondidos nas selvas, dezenas deles esperavam pelo rumo dos acontecimentos.

Haroldo
Lima

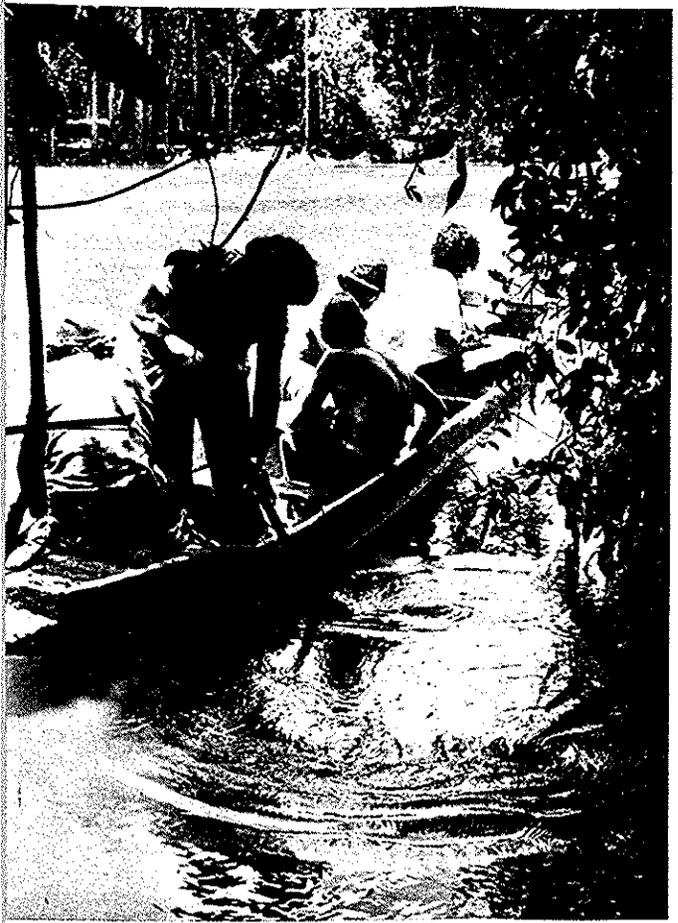
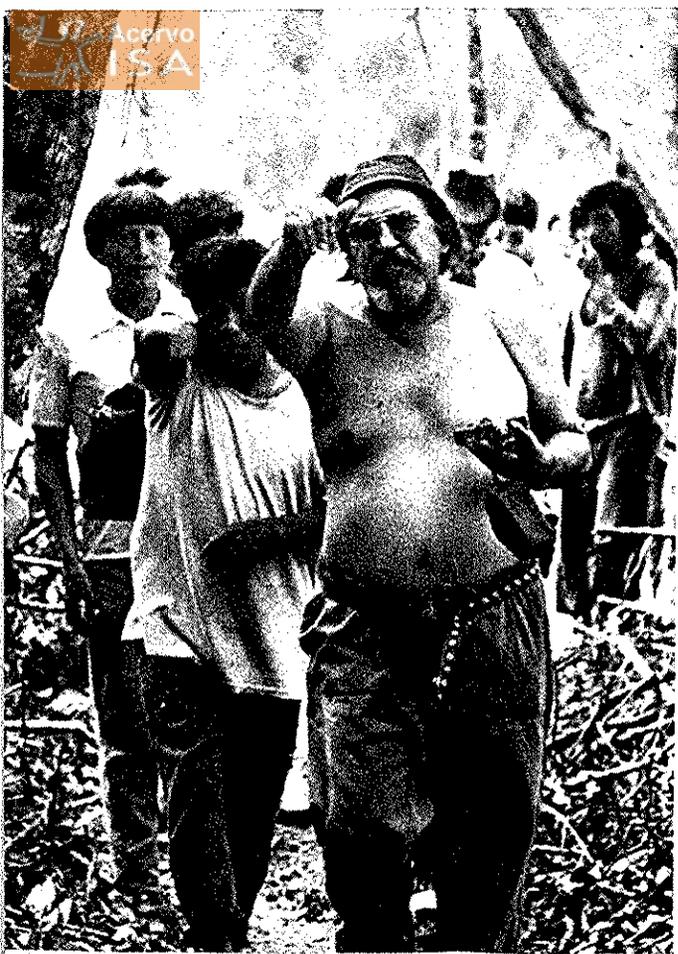


Uma entrevista exclusiva: **ORLANDO VILLASBOAS** sobre os indios **Kranhakarore** sobre a aproximação com os guianas na floresta amazônica que há mais de 300 anos se recusavam a ter contato com o homem branco.

Kranhakarore OS MACHOS DA SELVA

Reportagem de TAKAO MIYAGUI • Fotos de O Globo, Agência O Estado de São Paulo e HUGO GOES

"Se os índios disserem algum dia que foram eles próprios os responsáveis pela pacificação, terão toda razão. Alguns jornais chegaram a criticar o nosso trabalho, afirmando que a nossa ofensiva deveria ser mais rápida. Mas a melhor iniciativa que tivemos foi aquela de dar ao índio a opção para o contato. Por causa disso, foi necessária muita paciência e expectativa, porque nós tínhamos de esperar que o primeiro passo fosse deles. E foi." Orlando Villasboas, de 57 anos de idade, trinta dos quais integralmente dedicados à missão de sertanista, faz este histórico depoimento alguns dias depois de, finalmente, encontrar o caminho da aproximação com a tribo Kranhakarore.



No alto, Orlando Villasboas em plena selva. No centro, a canoa usada para a aproximação. Acima a expedição acenando para os Kranhakarores.

EM 1968, por ocasião das primeiras tentativas de contato com os Kranhakarores, os índios ficaram assustados com o avião dos brancos e tentaram atingi-lo com as suas flechas envenenadas

PARA ele, que pacificou dezenas de tribos — algumas até bem mais violentas, como a dos Txukarramae — a atual experiência foi a mais fascinante de todas. É verdade que, arrancado da Frente Pacificadora pela morte de seu grande amigo Noel Nutels, a disposição de Orlando ficou bastante abalada. Noel, um dos humanitaristas mais importantes do país, trabalhou durante muitos anos com os irmãos Villasboas, como médico sanitaria. No domingo, Orlando assistiu, no Rio, ao enterro de Nutels: — Era um dos homens que mais conheciam o interior do Brasil. E não somente os indígenas, mas a população sertaneja e os retirantes das secas. Nas grandes cidades, é possível que pouca gente conheça a figura de Nutels, mas nesses interiores o seu nome já virou lenda.

Às primeiras horas da manhã de segunda-feira, já em São Paulo, Orlando grudava-se ao radiotransmissor do Posto da FUNAI, a fim de saber notícias sobre o trabalho da pacificação. Ao mesmo tempo, acionava todos os seus contatos, tentando arrumar algum jeito de retornar imediatamente à frente de trabalho, pois a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) não dispõe de avião para essas emergências. Finalmente, como tem feito nestes trinta anos de apostolado entre os índios, providenciava mantimentos e outros artigos de sobrevivência para quem vive isolado no meio da selva.

— Acredito que, pelos rumos já iniciados, em abril próximo teremos condições para um contato em massa, com praticamente toda a tribo — que eu calculo em 500 índios. A aproximação está consolidada, não apresenta mais nenhuma dificuldade. Os quatro anos exigidos pela chamada Operação Índios Gigantes foi a mais desgastante entre as experiências vividas pela dupla Villasboas — Orlando e Cláudio, além de Álvaro, que trabalha no Posto da FUNAI em São Paulo.

NA verdade, ambos já encaminharam seus pedidos de aposentadoria da FUNAI, um pouco desiludidos com a atual orientação da política indigenista. Mas a vocação histórica da família passa por cima de todos esses problemas. Orlando, por exemplo, confessa que já está fascinado — esse é o seu termo predileto — pela tribo dos Canoeiros, que vive na serra dos Troncos. São índios que usam flechas com ponta de ferro, remanescentes de um ramo carijó amestiçado com negros fugidos das bandeiras de Anhanguera. Há quase 300 anos, os Canoeiros — cujo habitat se localiza nas fronteiras de Mato Grosso e Goiás — não têm nenhum contato com a civilização.

A Operação Índios Gigantes foi iniciada em meados de abril de 1968. Orlando — considerado o diplomata da família — sugeriu a tarefa à direção da FUNAI, em caráter de urgência urgentíssima, porque a projetada rodovia Cuiabá—Santarém cruzará o território hoje ocupado pelos Kranhakarores. Assim que recebeu autorização, tomou a sua primeira

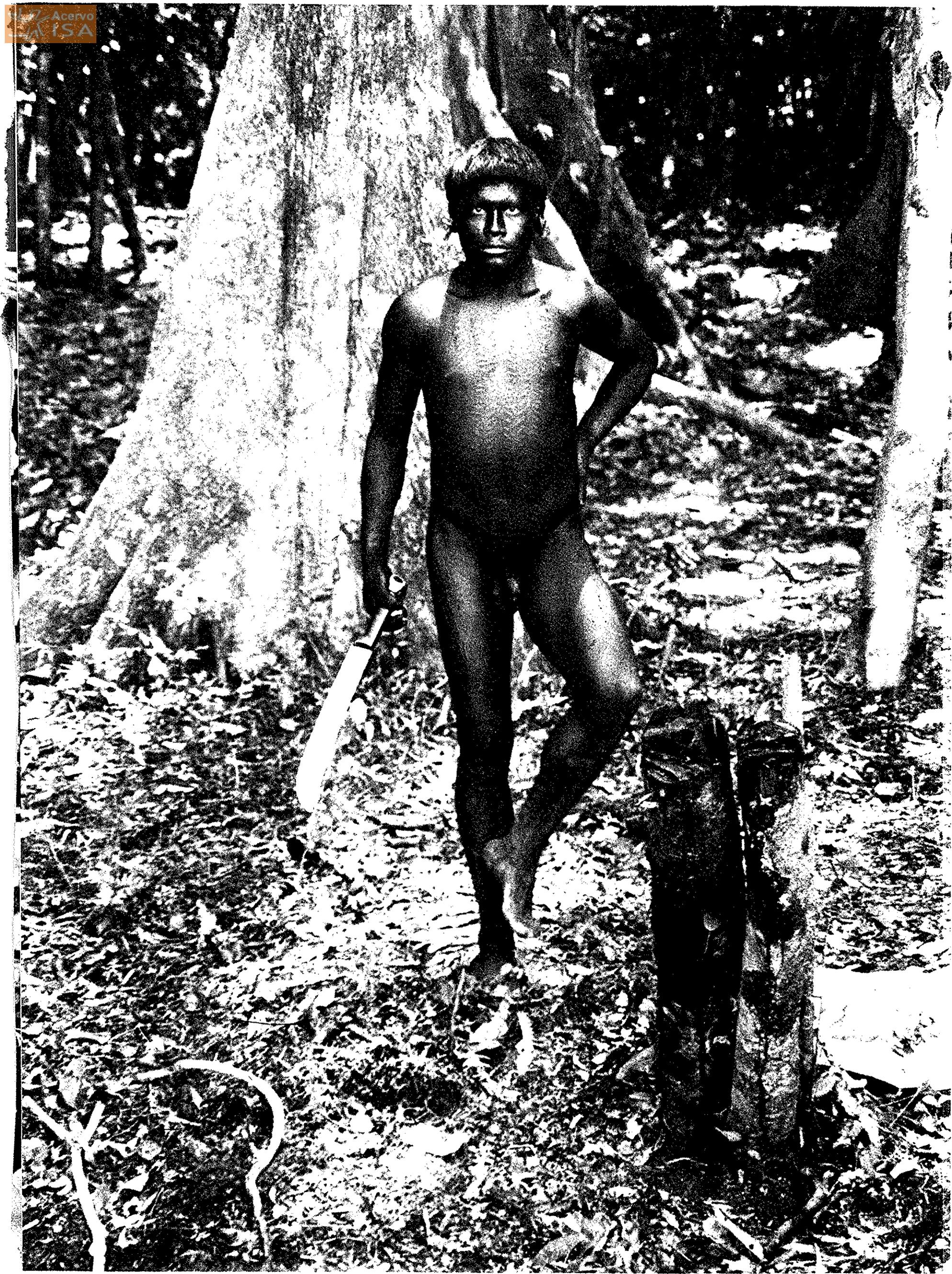
providência: convocar Cláudio, que há muitos anos vive em regime quase monástico no porto Diauarum, a 300 quilômetros da sede do Parque Nacional do Xingu, onde residem Orlando e muitas das tribos que pacificou. Uma lancha quinzenal, que desce o rio Xingu, é o único meio de transporte entre os dois pontos. Quando Cláudio chegou, saudado como de costume por uma algazarra de buzinas e gritos, tinha início a histórica missão. Um ambicioso esquema, típico de engenharia militar, mobilizou dias e noites de esforços.

ERA preciso localizar algum ponto da selva amazônica onde pudesse ser montado o quartel-general da operação. Depois de incansáveis consultas a velhos mapas e à própria memória de todos, descobriram que o rio Peixoto de Azevedo, no extremo-oeste de Mato Grosso, seria o ponto ideal. As condições materiais, porém, não eram tão generosas quanto as do coração dos Villasboas. Um único e obsoleto teco-teco cumpriu a primeira parte da missão, conduzindo Cláudio até uma base da FUNAI. Enquanto isso, Orlando partia para a fase mais difícil de todo o trabalho: a de vencer os trâmites da burocracia governamental.

— Esse trabalho está sendo considerado um zero à esquerda pelo pessoal da FUNAI. A amarga queixa de Orlando — um homem que está sendo indicado repetidamente para receber o Prêmio Nobel da Paz — tem as suas raízes nas duras condições de trabalho que sempre enfrentou. Para a Operação Kranhakarore, era necessária uma boa infra-estrutura: alimentação, combustível, equipamento de rádio, ferramentas, presentes para a eventualidade do contato, e aviões que mantivessem uma espécie de ponte-aérea com a sede do parque. Em setembro de 1968, quando partiram os primeiros 30 homens — chefiados por Cláudio — nem metade das necessidades tinha sido suprida. De qualquer maneira, o grupo chegou até às margens do rio, onde teve início um outro tipo de trabalho: desmatar uma extensão aproximada de 6 mil metros quadrados da mata, que tinha árvores de 30 metros de altura, cupins com dez metros de diâmetro e nuvens de piuns — insetos mais vorazes do que pernilongos. A área desmatada — e devidamente aplainada — serviria de campo provisório para os heróicos pousos dos aviões da FAB. Durante um mês, os índios que participavam da expedição se dedicaram à derrubada. Em agosto, finalmente, Cláudio pôde anunciar pelo frágil transmissor montado na frente de trabalho: — Pista em condições. Podemos receber avião.

SEGUE

Um jovem índio kranhakarore mostrando a faca que recebera de presente. O rosto pintado de preto é uma tradição da tribo. Os índios já pacificados se referiam aos Kranhakarores como gigantes de cara preta.



PARA Orlando Villasboas, esta foi a sua última tarefa entre os índios brasileiros. Ele pediu aposentadoria e pretende ir para o Japão, onde estudará o comportamento da última tribo existente naquele país

Até esse instante, toda a alimentação era jogada de pára-quadras — e não foram poucas as vezes em que os sacos de arroz se perderam, espatifados contra as árvores. Prudentemente, como recomendam os seus 30 anos de pacificação, Cláudio sobrevoou a aldeia dos Kranhakarores, tirando as primeiras fotos da tribo.

— Eles ficaram tão apavorados — lembraria Cláudio mais tarde — que tentaram flechar o avião. Se fizessemos um vôo rasante, fatalmente seríamos atingidos.

As primeiras investigações foram iniciadas por terra, desta vez com a presença de Orlando. Ambos chegaram ao acampamento com um autêntico arsenal de presentes: facas, machados, colares, espelhos e, principalmente, panelas para carregar água. Com essa providência tática, mostravam suas intenções pacíficas. Por outro lado, todas as tribos já pacificadas tinham um representante na expedição.

— Levamos um membro de cada tribo — diz Orlando — porque não conhecíamos o dialeto dos Kranhakarores. Assim, estavam ali, às margens do Peixoto de Azevedo, índios cajabis, jurunas, suias, suras, txicão, trumai, txuapanã e outros.

Sei que a predominância na formação dos Kranhakarore é Jê, um dos quatro troncos linguísticos da cultura indígena.

Nesse ano de 1968, as esperanças foram frustradas. Em novembro, fortes chuvas desabaram sobre a região que, por sua formação arenosa, impediu a permanência da expedição. E todos voltaram para o Parque do Xingu. O único saldo positivo desse primeiro ano foram algumas bordunas e arcos kranhakarores, que Orlando conseguiu encontrar no meio da mata.

O que impressionava era o tamanho dos objetos: as bordunas tinham quase dois metros de altura, provando que, como dizia a tradição oral indígena, havia índios gigantes em Mato Grosso.

— Até esse instante — confirma Orlando — nós apenas ouvíamos falar na existência de índios gigantes através de lendas contadas por tribos pacificadas. Diziam até que se tratava de caras pretas. Chegamos a supor que seriam eles um núcleo de negros fugidos no tempo da escravidão. O contato e as fotos realizados agora provam que os Kranhakarores costumam

pintar seu rosto com tinta preta, dando a impressão de serem negros.

No ano seguinte — em 1969 — uma trajetória desanimadora marcou a Operação Índios Gigantes. Quando o avião de Cláudio e Orlando sobrevoava a aldeia, os Kranhakarores imediatamente queimavam as suas tabas e fugiam para o meio da mata. Isso se repetiu três vezes, mostrando que a aproximação estava mais difícil do que parecia. Com esse fracasso — que podia comprometer o sucesso da expedição — os irmãos Villasboas resolveram cessar os vôos e adotaram a opção da expectativa. E assim viveram nestes últimos dois anos, aguardando que os Kranhakarores perdessem o medo, se acostumassem com a presença do branco e saíssem para o primeiro contato. Há quarenta dias, finalmente, o sonho se realizava. Conta Orlando:

— Havia uns sessenta índios, liderados por uma espécie de patriarca já idoso, aparentando 80 anos de idade. Nós estávamos do outro lado do rio Peixoto de Azevedo. Na margem oposta, tínhamos aberto uma clareira, com presentes espalhados pelo chão. Mal vimos a comitiva deles apanhar os presentes sem demonstrar qualquer hostilidade, peguei rápido a canoa e embarquei junto com o médico Belfort de Matos e Cláudio.

Remamos para a outra margem, apreensivos, mas os Kranhakarores nos receberam com festas. Descemos da canoa e nos abraçamos. Fizemos brincadeiras, demos risadas, até mesmo gargalhadas, tapinhas nas costas, tudo o que intuitivamente a gente faz quando quer demonstrar amizade. Não entendíamos nada do que eles diziam. E vice-versa. Era pura mimica.

No final deste histórico primeiro contato, que durou cinco minutos, ocorreu um fato surpreendente:

— Aquele índio que me parecia o mais velho iniciou um discurso solene. Falou durante uma hora, aproximadamente. Nós nos esforçamos para entender, captar alguma palavra que a gente pudesse conhecer. Mas eu não consegui identificar absolutamente nada. Durante todo o discurso, o velho índio não olhou para o rosto de nenhum de nós. Ao terminar, foi recuando lentamente, junto com os seus comandados, e todos sumiram no meio da mata.

Apesar desse contato satisfatório e até inesperado — pois foram os índios que tomaram a iniciativa — nada estava definido. Como lembra Orlando, eles não estavam convencidos das intenções pacíficas da expedição. E permaneceram invisíveis durante um mês, até que surgiu um segundo contato, desta vez com dois jovens kranhakarores inteiramente pintados de preto.

— Isso foi uma demonstração de desconfiança. Pareceu-me que, dentro da mata, havia 30 ou 40 outros índios, observando silenciosamente as nossas reações. Talvez eles pretendessem saber se, diante de apenas dois índios, os brancos também seriam cordiais como da vez anterior. Nós repetimos os presentes e eles sorriram. Lembro-me que um deles se chamava Mengrili. Isso foi um proveitoso início de diálogo. Depois, os próprios índios nos presentearam com flechas, enquanto nós lhe dávamos colares e facas. Confesso que não sei explicar qual a razão, mas em todas as outras tribos que pacificávamos, o presente que mais causava sensação era o espelho. Cristiano, o piloto do avião, que por amizade pessoal a Orlando acompanhou a expedição ajudando na frente de trabalho, sentiu um tremor nas pernas e no rosto quando viu de perto os dois índios.

— Apenas os seus olhos — conta ele — muito vivos e abertos, observavam os nossos movimentos. Os lábios, muito vermelhos, abriam-se às vezes para uma gargalhada. Os dentes eram perfeitos, brancos. As minhas mãos tremiam, de medo e emoção, quando comecei a fotografá-los.

Considerando que a sua missão com os Índios Gigantes está praticamente encerrada, Orlando Villasboas diz que quer deixar a missão para os mais jovens, pois está cansado de lutar sem o necessário apoio oficial. Isso sem levar em conta os 200 acessos de malária que comprometeram a sua saúde. Se o seu pedido de aposentadoria for aceito, ganhando apenas 700 cruzeiros mensais, Orlando pretende viajar para o Japão, onde ficará alguns meses.

— Lá, ficarei estudando a vida da tribo dos Ainos, os últimos índios japoneses.



Vencida a desconfiança inicial, os índios se aproximavam do rio e faziam gestos, pedindo mais presentes.



○ kranhakarore se distingue pelo físico de atleta, justificando plenamente a fama de gigante.



○ rio Peixoto de Azevedo serviu de terra de ninguém na cautelosa luta pelo primeiro contato.

NOEL NUTELS — UM MÉDICO QUE DEDICOU SUA VIDA AOS ÍNDIOS



JUSTAMENTE na semana em que os brancos conseguem manter contato pela primeira vez com uma tribo de índios, morre Noel Nutels, um homem que se dedicou de corpo e alma, durante toda a sua vida, ao indianismo em suas diferentes formas. Apesar de nordestino para todos os efeitos, ele nasceu na Ucrânia, tendo se formado em Medicina pela Faculdade de Recife, em 1936. Seu primeiro emprego foi de médico, numa fazenda em Botucatu. Mas logo descobriu a sua verdadeira vocação e foi tratar dos índios que viviam pelas bandas de Goiás, Mato Grosso e Amazonas. Sabendo de cor todos os versos de Ascenso Ferreira e dos principais cantores de cordel do Nordeste, Noel usava uma vasta cabeleira (branca) que ultimamente amarrava com um elástico, formando um rabo-de-cavalo. Ex-diretor do Serviço de Proteção ao Índio, viveu grande parte de sua vida internado nas selvas e foi uma das poucas vozes que se levantaram contra a construção da Transamazônica pelo fato de o governo não ter convocado, para aquela grande obra, a colaboração de técnicos botânicos e engenheiros florestais. A atitude de Nutels prendeu-se ao fato de que o homem branco, que não conhece o problema do índio, involuntariamente causa grandes prejuízos a tribos inteiras. Com a nova estrada, ele acreditava que milhares de índios morreriam a médio prazo, pois não estariam preparados para uma convivência direta com a civilização.

Depondo numa CPI da Câmara dos Deputados, em 1968, Noel Nutels garantiu que já encontrara, nas selvas, missionários com contadores Geiger na mão.

— A abertura das grandes estradas são uma exigência do nosso progresso, mas a especulação territorial caminha lado a lado com os desbravadores. E isso significa genocídio para os índios.

Sempre bem-humorado, com uma fisionomia simpática e de ânimo sempre otimista, Noel Nutels assim definia o índio:

— O índio é um sujeito inteligentíssimo, ninguém sabe mais das coisas do que ele, quando em seu habitat.

Não se considerava sertanista, nem mesmo indianista, mas apenas um médico. Ao contrário de Guimarães Rosa, para quem o sertão era um lugar cheio de ciladas mortais, Noel Nutels gostava de afirmar:

— O sertão? Ora, o sertão é um barato terrível.